

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA MORAL DE ALASDAIR MACINTYRE

Thaline L. Ribeiro Fontenele*

Resumo:

A pesquisa bibliográfica procurou sintetizar o papel e os objetivos da educação desenvolvida na filosofia moral macintyreana. MacIntyre, ao constatar que a sociedade contemporânea tem passado por um sério problema de desordem moral, onde as ações dos sujeitos estão totalmente desvinculadas de uma base teórica e critérios impessoais, propõe uma Educação Moral nas escolas e universidades para construir critérios e valores para o agir humano, na medida em que, a educação tem como função essencial preparar os indivíduos para uma vida ética, uma vida dentro de uma comunidade que precisa de sujeitos com papéis e funções sociais estabelecidas e claro, com autonomia de pensamento. Apresentando uma educação moral voltada para as virtudes, que engloba a prática, a narrativa de vida singular do sujeito e a tradição. Com um plano de estudos que prioriza estes três pontos e reafirma os objetivos da educação e a função dos professores, MacIntyre inicia uma reflexão da vida como um todo e de seu significado, ressaltando a importância de uma vida ética, e fazendo com que os membros de uma comunidade sejam instruídos para agirem com liberdade, vontade e consciência de sua responsabilidade moral.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Alasdair MacIntyre.

1 INTRODUÇÃO

Em obras mais recentes de MacIntyre, como *Depois da Virtude*(2001), *Tres versiones rivales de la Ética*(1992), e no artigo como *La Idea de una comunidad ilustrada*(1991), e a entrevista com J. Dunne(2002) é possível perceber que ao tratar das categorias centrais da ética das virtudes, MacIntyre transmite um conceito de educação, com papel e objetivos, que para ele tem relação direta com a obtenção das virtudes. Por isso, o estudo aqui propõe analisar suas obras para poder contextualizar o papel e os objetivos da educação formulados na filosofia de MacIntyre, procurando com essa teorização repensar a atividade educacional no âmbito tanto dos professores, quanto das instituições, e da

* Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba – Brasil. Email: thalinelrf@hotmail.com.

comunidade, reconceituando a educação vista nos termos atuais e procurando sair da atual crise em que ela se encontra.

2 A MORALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA VISTA POR MACINTYRE

O filósofo escocês Alasdair MacIntyre não procurou desenvolver de forma direta uma filosofia da educação, mas como em suas obras estava muito envolvido na formulação de uma Ética das virtudes, e conseqüentemente, com a moralidade, a educação adquire um papel fundamental numa comunidade, porque é exaltada em seu pensamento como uma maneira de instruir as pessoas a obterem as virtudes que lhe farão alcançar o bem último determinado no interior desta comunidade.

Ou seja, para MacIntyre, os seres humanos fazem parte de um contexto social, onde realizam diversos tipos de ações que estão interligadas entre si, e que trazem resultados tanto para o sujeito que as exerce, quanto para toda a comunidade em que este sujeito vive. Por isso, suas ações devem ter uma busca intencionada, com objetivos determinados, definidos por sua própria natureza, para que esses indivíduos possam desenvolver habilidades que tenham equilíbrio entre a razão e os desejos, e claro, que tenha em vista um reto fim. Por isso, MacIntyre propõe uma educação baseada nas virtudes.

A virtude é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens.(MacINTYRE, 2001, p.321)

MacIntyre propõe essa educação ao ver que a sociedade contemporânea como uma sociedade liberal está imersa num total estado de desordem moral, resultado da falta de valores morais que poderiam guiar as ações desse sujeito liberal. Quando um indivíduo não é mediado por uma tradição, e não possui mais um bem último para o seu agir, ele passa a assumir um ponto de vista neutro e a agir conforme o que lhe convêm e julga ser o melhor para si mesmo.

E por conta dessa desordem moral, a educação do caráter é deixada de lado, e os indivíduos acabam relacionando os bens superiores da vida aos produtos externos das

atividades que realizam como o dinheiro, a fama e o poder. Por essa razão, a moralidade ordenada praticamente desapareceu; e a cultura atual é marcada pela teoria emotivista, onde existe um eu emotivista caracterizado pela falta de critérios racionais de avaliação e julgamento, um eu que age por meio das emoções e desejos, um eu que pode adotar diversas posturas ou papéis sociais e criticá-las quando achar necessário, simplesmente por não pertencer a nenhuma postura, um eu que possui seu conjunto de atitudes e preferências, procurando realizá-las da maneira que lhe for melhor, enfim, um eu sem identidade.

Emotivismo é a doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais não passam de expressões de preferência, expressões de sentimento ou atitudes, na medida que são de caráter moral ou valorativo.(MacINTYRE, 2001, p.30)

A formação desse eu emotivista, assim como os problemas da teoria moral moderna aparecem claramente como produto do fracasso do projeto filosófico do Iluminismo. Projeto que teve início na modernidade, procurando oferecer uma justificativa racional para a moralidade, a partir de três objetivos independentes: um de caráter moral, outro de caráter filosófico; e por último, de caráter sócio-político. O objetivo filosófico foi dado como o mais importante e almejava formular princípios morais imparciais e universais que pudesse estar de acordo com qualquer agente racional, independente de sua concepção de vida boa. Como na prática isso não pôde ocorrer, por não levar em conta os outros aspectos sócio-históricos do sujeito, essa consequência acabou repercutindo sobre os outros dois objetivos, que permaneceram incompatíveis entre si, o que contribuiu bastante para o fortalecimento do individualismo que foi se instalando na sociedade contemporânea, repercutindo em atividades profissionais e situações sociais altamente específicas, derivadas de uma multiplicidade de tradições.

Em geral, os filósofos do projeto Iluminista procuraram tanto uma justificativa racional para as ações humanas, que esqueceram de elaborar uma moralidade que considerasse a natureza desse ser e as condições sócio-históricas dos indivíduos, deixando a natureza humana em segundo plano.

o projeto de oferecer uma justificativa racional da moralidade fracassara

decisivamente; e, daquele ponto em diante, a moralidade da nossa cultura predecessora – e, por conseguinte, da nossa própria cultura – carecia de fundamentos lógicos ou justificativas públicas e compartilhadas. (MacINTYRE, 2001, p.96)

O fracasso do projeto iluminista refletiu num sujeito moral que não possui mais liberdade e autoridade moral sobre o seu agir, já que não possui critérios e regras racionais para suas ações, e nem um fim último para qual possa se direcionar, um sujeito moral que muitas vezes faz uso de crenças que surgiram desse projeto iluminista apenas para defender seus desejos e vontades. Enfrentando problemas morais desconexos de uma teoria que dê significado a seu comportamento moral. Resultando numa sociedade sem nenhum envolvimento com a totalidade da vida, e com o bem do ser humano como tal, que para MacIntyre seria o fundamental para um agir do sujeito moral.

Os problemas da teoria moral moderna aparecem claramente como produto do fracasso do projeto do Iluminismo. Por um lado, o agente moral individual, liberto da hierarquia e da teologia, se vê e é visto pelos filósofos morais como soberano em sua autoridade moral. Por outro lado, as regras da moralidade que foram herdadas, embora parcialmente transformadas, precisam de um novo status, pois estão privadas de seu antigo caráter categórico como expressões de uma suprema lei divina. Se não é possível encontrar um novo status que torne racional o apelo a elas, recorrer a elas parecerá, de fato, mero instrumento do desejo e da vontade individuais. (MacINTYRE, 2001, p.115)

Firma-se assim uma comunidade fragmentada em todos os âmbitos da vida, causando uma perda da unidade de vida e ocasionando o caráter conflitivo da vida social e a incapacidade de viver as virtudes. Ao detectar esse estado de desordem moral, MacIntyre influenciado por uma concepção de moralidade aristotélica, recupera o conceito de comunidade, exaltando uma tradição com seu conjunto nuclear de crenças que constituem o bem humano, e tudo sendo proporcionado pela educação. Para chegar a esse processo, MacIntyre inicia sua abordagem apresentando conceitos fundamentais ao seu pensamento, iniciado a partir do seu conceito de prática.

Para MacIntyre, prática

é qualquer coerente e complexa atividade humana cooperativa e socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos fins e dos bens envolvidos.(MacINTYRE, 2001, p.316).

Ou seja, práticas são atividades determinadas e reconhecidas numa sociedade, que possuem bens tanto para o sujeito que a exerce quanto para a sociedade que faz parte, e que exige certos padrões para ser exercida. MacIntyre exemplifica afirmando que plantar não é uma prática, mas a agricultura é uma prática, assim como a arquitetura e outras atividades que possuem excelências e bens que estão no interior dessa atividade; a ação de plantar, ao contrário da agricultura, está a serviço da última, mas não tem um padrão a ser alcançado, ou mesmo, o ato em si não trará necessariamente benefícios para a sociedade, como a agricultura, que possui toda uma história, com padrões estabelecidos e de total importância para uma comunidade.

MacIntyre afirma que no exercício de práticas é possível obter dois tipos de bens: os bens externos, como prestígio, status, dinheiro; e os bens internos, que só podem ser obtidos no exercício dessa prática, e reconhecidos dentro dessa atividade. Normalmente, uma prática exige padrões de excelência e claro, obediência a certas normas, bem como a aquisição de bens, sujeitando o indivíduo que realiza essa atividade a certas atitudes, opções, preferências e gostos que definem essa prática. Já que ao assumir uma prática, o sujeito estará aceitando padrões já conquistados anteriormente, excluindo todas as análises subjetivas e emotivistas do juízo, porque se estará partindo de algo já estabelecido.

Uma prática implica padrões de excelência e obediência a normas, bem como a aquisição de bens. Ingressar numa prática é aceitar a autoridade desses padrões e a inadequação do meu próprio desempenho ao ser julgado por eles. É sujeitar minhas próprias atitudes, preferências e gostos aos padrões que atual e parcialmente definem a prática. As práticas, naturalmente, como acabo de salientar, têm uma história; jogos, ciências e artes, todas têm histórias. Assim, os padrões propriamente ditos não são imunes à crítica, porém, não podemos nos iniciar numa prática sem aceitar a autoridade dos melhores padrões até o momento alcançados. (MacINTYRE, 2001, p. 320)

E porque entender essa definição de prática? Esse conceito de prática será fundamental na

teoria da moralidade de MacIntyre, como na Educação, porque os bens internos obtidos nessa prática serão bens internos para toda a comunidade que participa dessa prática, sendo vantajosos para todos os outros sujeitos, enquanto que os bens externos só serão vantajosos para o sujeito que os obteve. Ou seja, uma atividade que tem uma excelência a ser alcançada deve ser exercida pelo sujeito de forma a trazer bens internos, que possam contribuir para a vida em comum no interior de uma comunidade, ordenando a vida moral em torno de um fim último comum e determinado.

Na definição de prática, MacIntyre mostra o quanto a tradição tem um papel fundamental na moralidade, porque uma tradição possui práticas que são e foram transmitidas durante a história. É por isso que MacIntyre afirma que um sujeito moral deve estar inserido em uma tradição, porque é na tradição que o sujeito reconhece ações realizadas anteriormente e pode agir de forma moral e adquirindo as virtudes necessárias para viver em comunidade, já que este sujeito estará partindo de sua vida cotidiana com um contexto histórico determinado, com valores estabelecidos e baseado na experiência vivida por outros seres humanos, fazendo com que o indivíduo se oriente a partir de outras práticas já realizadas, voltando-as para sua própria conduta e organizando assim, sua vida ética.

Uma tradição viva é, então, uma argumentação que se estende na história e é socialmente incorporada, e é uma argumentação, em parte, exatamente sobre os bens que constituem tal tradição. Dentro da tradição, a procura dos bens atravessa gerações, às vezes muitas gerações. Portanto, a procura individual do próprio bem é, em geral e caracteristicamente, realizada dentro de um contexto definido pelas tradições das quais a vida do indivíduo faz parte, e isso é verdadeiro com relação aos bens internos às práticas e também aos bens de uma única vida. (MACINTYRE, 2001, p.373-374)

Dessa forma, MacIntyre procura enfatizar a tradição da comunidade, apresentando uma narrativa linear para o sujeito moral, fazendo com que ele se reconheça como membro de sua comunidade e procurando alcançar um bem tanto para si mesmo, quanto para a pólis.

MacIntyre enfatiza a unidade de vida como algo fundamental para o sujeito, e claro, para o progresso da comunidade, porque ao narrar a sua vida, o sujeito passa a se ver como uma pessoa que possui uma história com papéis sociais e que todas as suas ações estão interligadas desde o seu nascimento até a sua morte, e que não se pode tratar sua vida como fatos separados ou desconexos entre si.

Ser o sujeito de uma narrativa que vai do nascimento até a morte é, comentei anteriormente, ser responsável pelos atos e experiências que compõem uma vida narrável. Isto é, estar aberto para ser chamado a fornecer certo tipo de explicação do que fez ou o que lhe aconteceu, ou o que testemunhou em algum momento da vida de alguém anterior ao momento da pergunta. (MACINTYRE, 2001,p.365-366)

Com uma narrativa singular, o sujeito reconhece sua identidade pessoal e se dá conta que ele é protagonista e responsável pelos atos de sua vida. Por isso, o filósofo enfatiza que é com um conjunto de virtudes que se pode fornecer uma vida significativa, permitindo uma ordem narrativa para uma vida individual, obtendo o aperfeiçoamento das ações humanas para alcançar um bem último para o sujeito e a comunidade à qual pertence.

3 O PAPEL E OS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA MORAL DE ALASDAIR MACINTYRE

MacIntyre começa a teorizar e explicar sobre educação a partir dos conceitos abordados anteriormente como prática, tradição e narrativa de vida, principalmente quando ele detecta o estado de desordem moral da sociedade contemporânea, caracterizado por uma vida fragmentada, sem nenhuma narrativa linear de vida do sujeito. Propondo como solução para a saída desse estado, a elaboração de uma educação baseada nas virtudes, para que os membros de uma comunidade possam agir de forma a alcançar o bem último humano determinado no interior de uma comunidade.

MacIntyre destaca, então, uma educação voltada para uma vivência de valores éticos, com uma aprendizagem que o leve a exercer a prática das virtudes. Por meio de procedimentos educativos, o sujeito pode chegar a uma autonomia ética, proporcionando a integração social e moral desse indivíduo, afastando-o de uma postura individualista e isolada. A proposta de educação feita por MacIntyre é de uma educação moral que se refere à reflexão e a uma série de práticas que devem ser propostas às escolas e universidades durante o processo de formação geral e ampla, dos educandos, visando o aperfeiçoamento do ser humano em si.

Educação moral explicita idéias e comportamentos que devem fazer parte da vida de um sujeito, segundo critérios filosóficos em conjunto com elementos determinantes de uma cultura. Trata-se de uma proposta pedagógica específica, seja esta conduzida por um professor de uma disciplina própria ou por todos os demais professores. É uma prática baseada no ensino e aprendizagem de valores extraídos do que se possa entender por uma Ética. (LINS, 2007, p.61).

MacIntyre, tendo em vista o problema de moralidade enfrentado pela sociedade contemporânea, apresenta os dois objetivos para serem alcançados pelos professores e pela educação. O primeiro propósito consiste em direcionar o jovem de tal modo que possa adaptar-se a um determinado trabalho e função social. O segundo propósito seria o de ensinar os jovens a pensar por si mesmos, fazendo com que eles adquiram independência mental. Os dois objetivos são incompatíveis entre si, mas não impossíveis de serem realizados; eles vão depender das condições internas da comunidade para que eles possam ser concretizados num mesmo sistema educativo, e claro, serem objetivos e metas das pessoas que não só fazem parte dessa comunidade, mas que também a representam para que possam ser realizados.

El primero está entre los propósitos de casi toda acción educativa em casi todas partes: consiste em conformar al (a la joven) de tal modo que pueda adaptarse a determinado rol y función social que exija relevo. El segundo propósito deriva, em su forma más específica, de la cultura de la Ilustración del siglo XVIII, aunque tiene, claro está, sus antecedentes. Es el propósito de enseñar a los jóvenes a pensar por si mismos, a adquirir independencia mental, a ser ilustrados al modo como Kant entendió “La ilustración”.(MacINTYRE, 1991, p.325)

Segundo MacIntyre, as atuais condições e circunstâncias enfrentadas anulam a realização dos objetivos propostos. É perceptível que as escolas estão distantes desse fim enumerado por MacIntyre, pois não têm recebido recursos necessários para seu desenvolvimento e têm sido influenciadas a se engajarem em atividades cuja medida é a produtividade, o que acaba distanciando o aluno de um modo de vida ética. Para MacIntyre, um sujeito que recebe uma educação baseada nestes dois objetivos enumerados passa a questionar sobre a ordem econômica e social, questões como: compreender quais bens estão em jogo na atividade ou prática que pretende ou vai executar, e se essa atividade pode ser vista não só como um bem

para o sujeito, mas como um bem comum.

Que estos dos proyectos totales son incompatibles, que el êxito de uno va ligado al fracaso seguro del outro, no es uma tesis conceptual inoportuna. No estoy proponiendo que el concepto a ser adiestrado a pensar por uno mismo pueda necesariamente tener aplicación solo cuando se anula el concepto de ser adaptado a asumir su rol em la vida social, o viceversa. Porque definiendo que, bajo ciertos tipos de condición social o cultural, ambos conceptos pueden hallar aplicación bajo uno y el mismo sistema educativo. Pero también defenderé que, por circunstancias especiales, concretamente las modernas sociedades e culturas de la post-Ilustración anulan actualmente las condiciones que hacen posible tal coexistência.(MacINTYRE, 1991, p. 326)

Para o filósofo, nas escolas e universidades haverá também a aplicação da noção de prática, narrativa e tradição. Primeiro, MacIntyre apresenta estes conceitos afirmando que o ensino não é uma prática, mas um conjunto de habilidades que está a serviço de uma prática. Por exemplo, a Filosofia quando ensinada não é uma prática, mas um conjunto de habilidades que estará a serviço de uma prática filosófica. Ou seja, ensinar não possui bens próprios como existem numa prática, mas contribui para a realização dessa prática, estando a serviço dela.

Mesmo o ensino não sendo uma prática, a atividade educacional (ensino) continuará tendo sua importância, mas só terá sentido dentro de outras práticas, das quais ela faz parte. Utilizando o exemplo da disciplina de Filosofia, ela como ensino faz parte de uma atividade filosófica, mas como ensino não produz bens próprios, bens que resultariam do ato de filosofar.

Voltando aos objetivos enumerados por MacIntyre sobre a Educação, um outro propósito enumerado por ele, seria o de colocar os estudantes para pensarem de forma independente. Para que isso ocorra é preciso que esses estudantes se reconheçam numa narrativa e passem a compreendê-la, para que possam questionar sobre sua vida ou como podem alcançar os bens próprios de uma atividade para chegar a excelência, identificando a sua própria narrativa e reconhecendo que fazem parte de uma tradição, tradição com valores e bens alcançados até agora por meio de uma prática.

Hoje, nos currículos escolares e acadêmicos, as disciplinas estão bastante divididas e distintas, cada disciplina tem estado muito especialista, de tal forma que, ao estudante fica difícil de saber o que tem apreendido e até mesmo de resolver questões da disciplina e conseqüentemente, da sua vida como um todo. A ausência de uma unidade entre as disciplinas afasta o aluno de uma narrativa histórica e dos padrões formulados anteriormente. Por isso, a

integração das disciplinas e até mesmo o estudo das disciplinas difíceis são importantes para que o aluno se reconheça na sua própria narrativa, vendo que não só a sua vida está relacionada a outros fatores, mas que elas fazem parte de um todo, evitando tratar a escola como algo separado da vida do aluno.

MacIntyre aborda o currículo dessas instituições, porque o currículo acabou sofrendo grandes conseqüências decorrentes do fracasso do projeto iluminista, e também porque é através desse currículo que o sujeito será orientado de forma a desenvolver as suas capacidades para que possa alcançar a excelência de acordo com a atividade humana que pretende realizar. De maneira direta, MacIntyre não propõe uma reforma curricular, mas sim, uma forma de educação que possa recuperar a comunidade, e o conceito de tradição, e conseqüentemente, para que isso ocorra é preciso que a educação ofereça textos ou obras que façam com que os estudantes identifiquem os modos de vida numa comunidade, assim como costumes, valores, ou mesmo, conhecer as explicações sobre o mundo, através de outros povos ou períodos históricos.

Considerando estes aspectos, MacIntyre acaba apresentando um currículo escolar, com disciplinas como matemática, língua e literatura correspondente ao seu país, uma outra língua estrangeira, história, ciência experimental, física e química para entender a explicação dos movimentos planetários e, claro, físicos, que ocorrem no seu ambiente de vida; assim como o ensino das artes visuais, para que elas possam adquirir sensibilidade e conhecimento pelas pinturas e obras artísticas, aprendendo também a desenhar e pintar, assim como a ouvir, com uma disciplina de música, práticas esportivas, atividades também como a mecânica, construção, informática, ou seja, atividades que irão contribuir para o seu desenvolvimento humano e que facilitarão sua vida no futuro introduzindo-os desde já numa investigação moral acerca da vida boa.

The test of curriculum is what our children become, not only in the workplace but in being able to think about themselves and their society imaginatively and constructively, able to use the resources provided by the past in order to envisage and implement new possibilities.(MacINTYRE, 2002, p.15).

É preciso ensinar não só o que é preciso aprender dentro de uma disciplina em particular, não só o que seria necessário para um especialista saber, mas o que será importante para tomar decisões individuais e coletivas, o que seria apropriado para que este indivíduo possa se

desenvolver e progredir. O que for ensinado tem que ser ensinado dentro de um processo, no qual, este sujeito entenda, que o conteúdo apresentado está diariamente na sua vida.

4 O PAPEL DA UNIVERSIDADE

As universidades, como instituições educativas provenientes de toda essa tradição fracassada sofrem, assim como as outras instituições, este mesmo tipo de fragmentação, e tornam-se as principais responsáveis pela expansão desse Emotivismo e pela falta de justificativa racional do agir humano. MacIntyre define as Universidades como palcos de debates, com discussões mascaradas, onde professores e estudantes, assim como na sociedade emotivista em que vivem, utilizam de argumentos em seus discursos que são totalmente incoerentes com suas ações e com o contexto histórico-cultural que pertencem, excluindo qualquer tipo de comprometimento moral, e conseqüentemente, a realização de uma pesquisa acadêmica e de uma interação de atividades entre a Universidade e a comunidade.

MacIntyre define a universidade contemporânea como uma universidade liberal, que prega a neutralidade de pensamentos e ações, uma ilusória liberdade diante da forma de agir dos membros, e claro, que educa seus estudantes para os objetivos do mercado, objetivos que visam o consumo e alcance de bens individuais e quantitativos. Ele conclui que, devido a tentativa frustrada de não obter acordo racional entre os membros de sua comunidade, a universidade passou a tratar a própria racionalidade como algo irrelevante, assumindo apenas a função de proporcionar para uma parcela mínima da comunidade, certificados ou saberes específicos para que possam alcançar cargos ou atividades que lhe proporcionem bens externos, como dinheiro e status.

Para MacIntyre, além da universidade carregar os fins da educação, como incitar o sujeito a pensar por si próprio, e prepará-lo para exercer uma profissão, a universidade tem o papel também de elaborar os critérios e as concepções de justificação racional que possam guiar as atividades humanas, ou seja, a universidade será responsável tanto por formular os conceitos que são emitidos numa comunidade, quanto por orientar as outras instituições para cumprir suas funções e claro, formar os profissionais que atuarão nessa comunidade. Mas, se a universidade continuar tão fragmentada, a educação só servirá para produzir especialistas, sem nenhum tipo de compromisso com a vida e seu bem último.

Si se le priva de la posibilidad de transmitir esta cosmovisión racional unificadora y de organizar en torno a ella los debates de la sociedad, la misión de la Universidad se reduce a la educación vocacional- que por outro lado puede aprenderse em la vida profesional directamente-o, a la posesión de uma cultura general, cuya adquisición bien puede ser auto-didacta a través de los libros o del multi-media. Em cualquier caso, la Universidad se vê privada de argumentos para legitimar su existência.(ARRIOLA, 2000, p.123)

Para que a universidade volte a realizar suas funções é preciso desprezar essa falsa neutralidade declarada pelo liberalismo. Para isso, é necessário desde cedo, inserir os estudantes num corpo de teorias e crenças que tem se desenvolvido ou se desenvolveu historicamente, fazendo com que eles se familiarizem com os fatos e noções acerca da realidade, através de uma tradição, para que eles possam ser introduzidos numa investigação acerca do bem humano.

Es indudable, por outro lado que para potenciar sus posibilidades de influir en la sociedad, la Universidad debe empezar por ella misma; por la creación de um ethos congruente y sistemático que informe a sus estructuras operativas, a las diversas facultades y a los múltiples saberes que se articulan em el curriculum de cada disciplina. Incluso lê compete impulsar um nuevo modelo de saber directivo acorde a la tradición humanista. Se trata entonces más bien de delinear el ideal humano al que la Universidad debiera aspirar y no de uma reforma curricular.(ARRIOLA, 2000, p.175)

O filósofo estipula nas Universidades um plano de estudos ordenado e estruturado com materiais, temas e obras clássicas, objetivando mostrar o que foi feito em culturas passadas, reconhecendo a existência de conflitos nessas culturas e fazendo a devida relação entre elas. Colocando a universidade, não como um espaço neutro ou de possíveis acordos, mas como um lugar de desacordos obrigatórios, realizando encontros sistemáticos dos pontos de vista rivais interessados por uma justificação moral e teológica, tendo como nova responsabilidade, enquanto instituição de ensino superior, introduzir os alunos nesse conflito. Dessa forma, a universidade garantirá o debate entre essas tradições, sem deixar que ocorram esses simulacros, como discussões, ou mesmo, não permitindo que o membro dessa comunidade se isole cada vez mais em seus próprios objetivos.

En definitiva, la Universidad que MacIntyre propone no tiene el objetivo de limitar los intercambios de ideas ni de imponer una forma de vida. Por el contrario, su interés puede caracterizarse como el fomento de la libertad de educadores y educandos, libertad no obstante, que nace del compromiso y no de la ruptura.(ARRIOLA, 2000, p.224)

E os professores, teriam o papel de organizar esses debates, como representantes de um ponto de vista particular, seriam responsáveis por fazerem avançar essas investigações dentro da posição que defendem, articulando com outros pareceres rivais e mostrando tanto o que está equivocado no parecer oposto à luz do seu ponto de vista, quanto estando apto a julgar o que é posto em seu ponto de vista, frente ao que é questionado pelo ponto de vista rival.

“El desarrollo de la racionalidad de los educandos – es la razón principal por la que se constituyó dicha comunidad. Ese fin, parece sugerir MacIntyre, únicamente puede lograrse si cada profesor hace de su disciplina un campo de entrenamiento, un taller artesanal en el que el educando pueda descubrir em la excelência propia de cada actividad la misma jerarquía de bienes conducentes a um idêntico fin.”(ARRIOLA, 2000, p.213)

Os professores teriam uma nova função, a de organizadores desses conflitos, tornando a universidade uma arena de conflitos sistemáticos, que reconhece a existência de desacordos morais e teológicos. Dessa forma, as universidades reassumiriam sua posição na comunidade. Para MacIntyre, essa nova função das universidades produziria uma série de universidades rivais, cada uma com suas próprias investigações morais, cada uma seguindo seus próprios códigos para dar continuidade a sua pesquisa racional.

MacIntyre não só objetiva a produção de universidades de pareceres rivais, com seu próprio campo de pesquisa, como também enfatiza a importância da existência de escolas com suas próprias tradições, já que existem diferentes concepções culturais e religiosas numa mesma comunidade. Só que no plano de estudos, a escola deveria não só focar seu ensino para os bens dessa tradição, mas que os alunos possam entender as disciplinas na visão de todas as outras tradições, compreendendo como cada tradição é entendida, inclusive a sua, pelas tradições rivais, aprendendo a questionar sobre a validade dos bens de todas as tradições existentes.

Dessa forma, MacIntyre vai procurando solucionar o problema de moralidade da

sociedade contemporânea através de procedimentos educativos. Primeiro, reconhecendo a ausência de uma moralidade; depois, verificando que a cultura presente é resultado de diversas posturas e pensamentos de diferentes épocas e por último, enfatizando a importância de uma educação voltada para as virtudes que possa formular critérios de justificação moral, e que proporcione a continuidade da pesquisa racional para refutar e validar os conceitos e as concepções do contexto vivido.

5 CONCLUSÃO

MacIntyre apresenta o papel e os objetivos da Educação a partir de sua filosofia moral, ao constatar que a sociedade contemporânea tem passado por um sério problema de desordem moral, onde as ações dos sujeitos dessa sociedade estão totalmente desvinculados de uma base teórica e de critérios impessoais que justifiquem seu comportamento. O que contribui para estes indivíduos agirem de maneira individualista, egoísta e passional, utilizando de argumentos que dão vazão às suas vontades e preferências sem nenhuma preocupação com o bem comum. Ele conclui que a educação seria de fundamental importância para a reestruturação dessa sociedade, oferecendo valores morais que guiem as ações dos membros no interior de uma comunidade.

MacIntyre relata que a vida moral hoje está de certa forma imprevisível, os sujeitos agem sem nenhuma fundamentação e sem nenhuma responsabilidade moral, muitas vezes se justificando com um código pessoal de ações e proibições. O filósofo constata que os discursos e debates realizados numa comunidade contemporânea, não passam de simulacros ou fantasias de que alguma questão possa ser resolvida no campo moral, já que as próprias pessoas que estão envolvidas nesses debates participam sem intenções de resolver esses conflitos morais, mas sim, de manipularem seus membros com uma linguagem que na verdade não possui nenhum sentido ou significado para o contexto atual. Enfim, os debates servem hoje, apenas de emoção, para um público que assiste sem perspectiva alguma de solução moral.

A partir dessa observação da ausência de moralidade, MacIntyre propõe uma Educação Moral nas escolas e universidades, podendo com isso, construir critérios e valores para o agir humano, na medida que, a educação tem como função essencial preparar os indivíduos para uma vida ética, uma vida dentro de uma comunidade que precisa de sujeitos

com papéis e funções sociais estabelecidas e claro, com autonomia de pensamento.

Por isso, MacIntyre apresenta uma educação moral voltada para as virtudes, que engloba a prática, a narrativa de vida singular do sujeito e a tradição. As práticas, porque, fazem parte da vida social dos seres humanos e são reveladas no comportamento das pessoas, assim, um sujeito virtuoso estaria capacitado a alcançar tanto as virtudes que são definidas no interior dessa prática, quanto os bens internos, que também só podem ser obtidos numa prática. A narrativa de vida, porque apresenta ao sujeito a totalidade de sua vida, que todos os aspectos de sua vida, seja trabalho, lazer, família e vida pública não podem ser vistos ou tratados separadamente.

Valorizar a narrativa de vida de um sujeito é tornar suas ações inteligíveis e compreensíveis, é também encontrar o lugar de um sujeito singular numa narrativa linear e no contexto histórico-social pertencente, procurando alcançar um conhecimento cada vez maior de si mesmo e do bem que almeja alcançar. E a tradição, porque tanto a prática quanto a narrativa de um sujeito singular estão inseridos numa história maior que possui valores e bens transmitidos por gerações e que dão à prática e à narrativa um contexto histórico necessário para fundamentar, questionar e refutar as ações humanas, oferecendo condições para o estabelecimento de uma vida ética e significativa.

Com um plano de estudos que prioriza estes três pontos e reafirma os objetivos da educação e a função dos professores, MacIntyre inicia uma reflexão da vida como um todo e de seu significado, ressaltando a importância de uma vida ética, e fazendo com que os membros de uma comunidade sejam instruídos para agirem com liberdade, vontade e consciência de sua responsabilidade moral.

REFERÊNCIAS

ARRIOLA, Claudia Ruiz. *Tradicón, Universidad y Virtud*. Filosofía de la Educación superior en Alasdair MacIntyre. Navarra: EUNSA, 2000. (Colección Filosófica, nº153).

DUNNE, J.; MacINTYRE, A. Alasdair MacIntyre on Education. In Dialogue with Joseph Dunne. Oxford: *Journal of Philosophy of Education*, vol.36, n.01, 2002, P.19.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. *Educação moral na perspectiva de Alasdair MacIntyre*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.

MacINTYRE, A. *Animales Racionales y Dependientes*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001.

_____. *Depois da virtude*. São Paulo: Edusc, 2001.

_____. *Justiça de quem? Qual racionalidade?*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. La Idea de una comunidad ilustrada. *Revista Analogía*, 1991, p.324-342.

_____. *Tres versiones rivales de la ética*. Madrid: Rialp, 1992.